

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Letras

**Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teoria e Prática de Ensino de Leitura e
Produção de Texto - PROLEITURA**

Helen Cristina Xavier Caldas

MACHADO DE ASSIS NA SALA DE AULA: CONTOS

Belo Horizonte

2021

Helen Cristina Xavier Caldas

MACHADO DE ASSIS NA SALA DE AULA: CONTOS

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teoria e Prática de Ensino de Leitura e Produção de Texto – PROLEITURA apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Leitura e Produção de Texto pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Alexandre do Carmo Said

Belo Horizonte

2021

–
C145m Caldas, Helen Cristina Xavier.
Machado de Assis na sala de aula [recurso eletrônico] :
contos / Helen Cristina Xavier Caldas. – 2021.
1 recurso online (49f., il p&b) : pdf.

Orientador: Roberto Alexandre do Carmo Said.

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da UFMG.

Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Letras.

Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Leitura – Aprendizagem. 2. Língua portuguesa – Métodos de ensino. 3. Ambiente de sala de aula I. Said, Roberto, 1971-. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 372.4



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos

ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DA ALUNA HELEN CRISTINA XAVIER CALDAS

Realizou-se, no dia 12 de novembro de 2021, às 09:00 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *Machado de Assis na sala de aula: contos*, apresentado por HELEN CRISTINA XAVIER CALDAS, número de registro 2020654436, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Prof. Roberto Alexandre do Carmo Said - Orientador (UFMG), Prof. Marcelo Chiaretto (UFMG), Prof. Luiz Francisco Dias (UFMG).

A Comissão considerou o Trabalho:

(X) Aprovado

() Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 12 de novembro de 2021.

Prof. Roberto Alexandre do Carmo Said (Doutor)

Prof. Luiz Francisco Dias (Doutor)

Prof. Marcelo Chiaretto (Doutor)



Documento assinado eletronicamente por **Luiz Francisco Dias, Professor do Magistério Superior**, em 15/11/2021, às 09:47, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Chiaretto, Professor do Magistério Superior**, em 15/11/2021, às 10:18, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Roberto Alexandre do Carmo Said, Professor do Magistério Superior**, em 02/12/2021, às 08:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **1062929** e o código CRC **276EAF60**.

Ao Mestre Robson Schmidt, pelo
companheirismo de todas as horas e
principalmente pelo incentivo e contribuição
para o meu crescimento pessoal e profissional.

À minha filha Alice, pequena grande
leitora e escritora, por me motivar em cada
linha deste trabalho que fiz sorrindo na
esperança de deixar um legado.

AGRADECIMENTOS

A Deus, em primeiro lugar, que sempre me conduziu com as devidas lições de amor, generosidade e fraternidade.

Ao Professor Doutor Roberto Said, pela serenidade, sabedoria imensa e valiosas orientações para descoberta de conhecimentos imprescindíveis para elaboração deste trabalho.

Ao Corpo docente, direção e administração do Proleitura, agradeço pela atenção e oportunidade de aprendizado.

À minha mãe, pelo esforço e dedicação na minha carreira docente, tendo sempre como meta a realização do sonho de ver os filhos formados.

Ao meu pai (*in memoriam*), que me viu crescer e realizar sonhos.

Aos meus irmãos Helton e Hilton, que sempre estão presentes nos momentos difíceis para caminhar sozinha.

À Natália, Anjo, por sempre se colocar à disposição quando precisei dialogar sobre esse trabalho do início ao fim, principalmente por auxiliar com seus conhecimentos em língua estrangeira para o Abstract.

Ao Alan, meu professor de Inglês, pelas boas risadas, compreensão e resiliência, que deixam tudo mais leve.

À amiga Leide, pelas sugestões e leitura crítica, tão oportunas para a elaboração do pré-projeto e por acompanhar todo o percurso.

Ao Doutor Valdir Campos, pela sensibilidade da escuta e por direcionar o caminho nos momentos turbulentos.

Às amigas Cláudia, Maria, Carol, Anésia, Luciana e Lilia, pelos momentos de reflexão sobre a vida e que muito me ouviram falar da importância dessa Especialização para a minha formação.

RESUMO

O legado literário de Machado de Assis está comumente atrelado à produção de seus romances. Entretanto, o escritor também foi extremamente profícuo no que tange à produção de poemas, crônicas, peças teatrais, ensaios e, sobretudo, contos – gênero escolhido para realização deste trabalho. Os contos oferecem uma visualização de sua trajetória e de suas pesquisas estéticas, bem como de sua vida como escritor: existem certas características e traços de estilo que permitem agrupar esses textos, como o humor e a ironia. Este trabalho tem como objetivo apresentar ferramentas para o ensino de leituras de ficção com base em contos de Machado de Assis, de maneira que permita ao aluno do Ensino Médio compreender aspectos como ironia, humor e contexto social, a fim de estimular o pensamento e a formação de jovens leitores críticos. Foi desenvolvida uma sequência didática com base em quatro contos machadianos, sendo eles “Um homem célebre”, “Cantiga de esponsais”, “O machete” e “O enfermeiro”. A sequência didática contém nove módulos, que têm como intuito oferecer um roteiro para que professores de Língua Portuguesa e Literatura possam abordar as narrativas de Machado de Assis sob a lente de aspectos como contexto social e histórico, vozes narrativas e, por fim, humor e ironia, desenvolvendo a criticidade nos alunos do Ensino Médio.

Palavras-chave: Contos. Narrativa. Machado de Assis. Sequência didática.

ABSTRACT

Machado de Assis' literary legacy is commonly linked to the production of his novels. However, the writer was also extremely fruitful with regard to the production of poems, chronicles, plays, essays and, above all, short stories – the genre chosen for this work. The short stories offer a view of his trajectory and his aesthetic research, as well as his life as a writer: there are certain characteristics and style traits that allow these texts to be grouped according to the aspects identified in them, such as humor and irony. This work aims to present tools for teaching the reading of fiction based on Machado de Assis's short stories, in a way that allows students of High School to understand aspects such as irony, humor and social context, in order to stimulate the thought and training of young critical readers. A didactic sequence was developed based on four Machadian tales: “Um homem célebre”, “Cantiga de esponsais”, “O machete” and “O enfermeiro”. The didactic sequence contains nine modules, whose purpose was to offer a script for teachers of Portuguese Language and Literature to address the narratives through the lens of aspects such as social and historical context, narrative voices and, finally, humor and irony, developing critical thought in high school students.

Keywords: Short stories. Narrative. Machado de Assis. Didactic sequence.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
2. REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1. Machado de Assis e o Realismo - Contexto sociocultural no Brasil do Século XIX..	11
2.2 História da leitura da obra de Machado de Assis.....	16
2.3 Como ler Machado em sala de aula	19
2.4 A literatura e a música em Machado de Assis como representação da arte nacional	21
2.5 Apresentação dos contos: <i>Um Homem Célebre, Cantiga de Esponsais, O Machete e O Enfermeiro</i>	23
2.6 Mercado da música na sociedade brasileira no final do século XIX	29
2.7 Ferramentas para a leitura do texto literário	32
3. SEQUÊNCIA DIDÁTICA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE LEITURA DOS CONTOS MACHADIANOS	35
3.1. Apresentação	35
3.2. Objetivo central	35
3.3 Objetivos específicos.....	35
3.4. Sequência didática	36
3.4.1. Módulo I – O que é gênero?	36
3.4.2. Módulo II – O que é conto?.....	37
3.4.3. Módulo III – Contextualização histórica do gênero conto	37
3.4.4. Módulo IV - Apresentação dos contos de Machado de Assis	40
3.4.5. Módulo V – Tipos de narrador e seu impacto na narrativa	41
3.4.6. Módulo VI – Reflexões sobre o texto: Contexto social e fatores psicológicos.....	41
3.4.7. Módulo VII – Características da obra de Machado de Assis – Humor e ironia.....	42
3.4.8. Módulo VIII – O fazer artístico e literário: contexto cultural	42
3.4.9. Módulo IX – Literatura e dramaturgia	43
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	45
REFERÊNCIAS.....	47

1. INTRODUÇÃO

A produção literária de Machado de Assis é caracterizada por um estilo elegante e discreto. Como aponta Cândido (1995), embora sua obra seja frequentemente definida como convencional, formalista e até mesmo arcaica, também há nela muitos níveis diferentes e surpresas a serem encontradas. Sua técnica se baseia em disparidades e anormalidade; aliados a essas características, a sutileza, o humor e a ironia são também características marcantes da produção machadiana.

O legado literário de Machado de Assis, embora sua qualidade seja unanimemente reconhecida, está comumente atrelado à produção de seus romances. Entretanto, Machado de Assis também foi extremamente profícuo no que tange à produção de poemas, crônicas, peças teatrais, ensaios e contos. A respeito deste último, o escritor produziu cerca de duzentas peças ao longo de quarenta anos, que englobam desde o início de sua vida até um ano antes de sua morte, conforme anota Gledson (1998). O crítico inglês defende que o gênero permitiu que Machado pudesse se desdobrar sobre detalhes aparentemente triviais e anedotas, aspectos também presentes em seus romances, mas que nos contos puderam ser explorados a fundo.

A maioria dos contos de Machado de Assis foi publicada inicialmente em revistas e jornais. Setenta desses trabalhos foram publicados no *Jornal das Famílias*; trinta e sete foram publicados na revista *A Estação*; outros cinquenta e seis foram publicados na *Gazeta de Notícias*. É curioso verificar que tanto o *Jornal das Famílias* quanto a revista *A Estação* eram publicações voltadas ao público feminino, o que permite pensar que essa ocorrência se relaciona à visão de Machado de produzir uma literatura que estimulasse as mulheres a se instruírem, em oposição a se limitar inteiramente aos afazeres domésticos e à família. Considerando os títulos impressos pelos periódicos acima listados, verifica-se que, entre os cerca de duzentos contos escritos, nem todos chegaram à publicação durante a vida de Machado. Entretanto, isso não se deve à falta de qualidade literária desses escritos, mas às exigências dos periódicos que impediam a publicação de certos contos mais longos.

Devido à sua alta produtividade de textos do gênero, os contos oferecem uma visualização de sua trajetória, de suas pesquisas estéticas, bem como de sua vida como escritor: existem certas características e traços de estilo que permitem agrupar essas obras de acordo com os aspectos nelas identificados e oferecer um panorama da produção de Machado de Assis.

O humor e a ironia foram traços identificados por Cândido (1995) em diversos contos do escritor fluminense. Assim, considerando que o humor e a ironia presentes em contos literários podem ser bastante produtivos para estimular leituras críticas (PESSANHA, 2011;

PEREIRA, 2009), propõe-se aqui utilizar esses traços, juntamente com articulações ao contexto social e histórico, com o interesse de desenvolver uma sequência didática que permita ao professor abordar criticamente esses contos em sala de aula. Trata-se, portanto, de apresentar ferramentas para o ensino de leituras de ficção com base em contos de Machado de Assis, de maneira que permita ao leitor compreender aspectos como ironia e humor sob o pano de fundo histórico.

Uma abordagem crítica em sala de aula com foco nessas características pode ser muito eficaz, justamente por permitir verificar os recursos utilizados pelo autor para construir o efeito cômico e irônico, sendo ainda capaz de estimular a reflexão sobre aspectos como contexto e ambiguidade, bem como estimular a produção textual dos alunos. Portanto, tendo em vista as características dos contos de Machado de Assis e seu potencial para exploração da ironia e do humor em sala de aula, este trabalho procura, com base nas características da produção dos contos machadianos, oferecer o respaldo, tanto teórico quanto prático, para a abordagem dos contos como forma de melhorar a leitura crítica dos alunos do Ensino Médio. Para tanto, foram selecionados três contos com temáticas similares: “Um Homem Célebre”, publicado em 1888, “Cantiga de Esponsais”, publicado em 1884, e “O Machete”, publicado em 1878. Ainda foi selecionado um quarto conto, “O Enfermeiro”, a fim de permitir uma abordagem que faça uma ponte entre duas formas artísticas, quais sejam, a literatura e o áudio-visual. Todos os quatro contos em questão foram retirados da coletânea *Os Melhores Contos de Machado de Assis* (1995)

Este trabalho está dividido em três seções, além desta introdução. A seção de referencial teórico aborda aspectos literários, sociais e históricos da obra machadiana, oferecendo um panorama detalhado para que o professor possa se situar com detalhes em relação às obras a serem abordadas. Em seguida, é desenvolvida a sequência didática em nove módulos, juntamente com sugestões de tópicos a serem abordados para o desenvolvimento da capacidade crítica face ao texto literário. Finalmente, são apresentadas as considerações finais deste trabalho.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Machado de Assis e o Realismo - Contexto sociocultural no Brasil do Século XIX

O final do século XIX é repleto de transformações na sociedade brasileira, com destaque para a luta abolicionista, as campanhas republicanas e o incipiente desenvolvimento de um campo artístico e cultural. Em meio a esse cenário, pode-se perceber que as produções literária e musical foram fortemente impactadas. Machado de Assis foi, talvez, o mais arguto observador dessas mudanças, incluindo as correntes em disputa no meio literário. Até meados do século prevalecia na literatura o romantismo, em que se destacavam abordagens idealizadas da nação, valorizando os elementos da nossa cultura, os valores históricos, a natureza, o índio, o folclore, entre outros. Entretanto, com as mudanças no campo social e político brasileiro as abordagens no campo da literatura passaram a questionar a realidade social e a enfatizar os conflitos existenciais do ser humano, marcando o início do realismo no Brasil (PRADA, 2013).

Em termos das características gerais da obra machadiana, cabe ressaltar o que talvez seja seu aspecto mais marcante e mais conhecido: a escrita de Machado segue padrões de valores convencionais, embora o resultado obtido literariamente signifique um deslocamento em relação à produção de seus pares contemporâneos. Cândido (1995) define o escritor como um patriarca – tanto em bom quanto em mau sentido. Machado de Assis era apegado às convenções sociais e ao sentimento de grupo. Entretanto, apesar desses traços arcaizantes, existem temas que, de forma oposta, possuem natureza mais moderna. Há uma natureza de neutralidade na obra machadiana que esconde uma grande originalidade, uma estranheza muitas vezes não aparente para o público em geral. É precisamente essa característica que permite ao leitor e ao crítico encontrar diferentes níveis na obra machadiana. Como ressalta Cândido (1995), com o passar dos anos, a crítica entende à leitura de Machado como um processo que não deve ser realizado:

(...) com olhos convencionais, não com argúcia acadêmica, mas com o senso do desproporcionado e mesmo anormal, daquilo que parece raro em nós à luz da psicologia de superfície, e no entanto compõe as camadas profundas de que brota o comportamento de cada um (CÂNDIDO, 1995, p. 20).

Por volta dos quarenta anos de idade, alguns dos traços mais marcantes em suas obras eram a ironia e seu estilo refinado, discreto, ameno. Muito de seu trabalho se fiava em alusões e eufemismos (CÂNDIDO, 1995), pois era necessário que seus contos e romances não

chocassem a moral da época. Com o passar do tempo, desenvolveu-se também o pessimismo e desencanto em suas histórias, embora estes fossem expressos de forma elegante e agradável.

Há uma despreocupação com as modas dominantes na prosa de Machado de Assis. Em vez disso, ele cria um jogo que reúne certo arcaísmo com um modernismo correndo sob a superfície de suas obras. Sua ficção tende à não-resolução de certos pontos na narrativa como forma de criar uma certa perplexidade no leitor. É devido a essa habilidade de ir além de seu tempo, embora o trabalho pareça superficialmente arcaico, que ele se revela extremamente moderno, conforme as tendências depois desenvolvidas no século XX. Especialmente essa abertura e ambiguidade são bastante comuns nos romances desse século. Assim, através da imparcialidade, Machado apresenta suas histórias de forma ainda mais intensa a partir do uso da “técnica de espectador” (CÂNDIDO, 1995, p. 22).

Como outra característica, a técnica de Machado de Assis é definida por Cândido (1995, p. 23) como consistindo em “sugerir as coisas mais tremendas da maneira mais cândida (como os ironistas do século XVIII)”. É o estabelecimento de contrastes em diversos aspectos que define de forma clara a técnica do autor. Ainda nas palavras de Gledson, esse contraste é estabelecido:

(...) entre normalidade social dos fatos e anormalidade essencial; ou em sugerir, sob aparência do contrário, que o ato excepcional é normal, e anormal seria o ato corriqueiro. Aí está o motivo da sua modernidade, apesar do seu arcaísmo de superfície.” (CANDIDO, 1995, p. 22)

Dessa forma, entende-se que, embora esse aparente tradicionalismo estrito da obra machadiana seja um de seus traços mais marcantes, sua prosa esconde, em outro nível, uma modernidade que vai além de seu tempo. Essa é uma das características que fizeram Machado de Assis um desafio para a crítica literária.

Como Schwarz (2012) frisa, o espírito de Machado de Assis era “incisivamente realista, compenetrado tanto da lógica implacável do social, como da tarefa de lhe captar a feição brasileira” (p. 250), mas também era “pós-realista, interessado em deixar mal a verossimilhança da ordem burguesa, cujo avesso inconfessado ou inconsciente abria à visitação, em sintonia com as posições modernas e desmascaradoras do fim-de-século.” (SCHWARZ, 2012, p. 250) Há um paradoxo nessas características, como Schwarz (2012) aponta. Mas essa aparente contradição é uma característica da modernidade de sua prosa, pois, como o autor observa, pressupõe um novo tipo de cultura, tanto literária quanto intelectual, no Brasil. As provocações de Machado reciclavam recursos pré-realistas, mas o fazem de forma a desafiar o senso da realidade oitocentista.

O problema social é abordada em termos dos personagens machadianos por Nascimento (2015), que entende o papel dos personagens dos contos como símbolos da identidade cultural do Rio de Janeiro, tendo em vista seu público leitor. Para Nascimento (2015), a modernidade de Machado de Assis se deve muito a esse fator, considerando que a

(...) modernidade dos contos machadianos está na sua relação com a —mídia de sua época, na enunciação que é a junção dos participantes da literatura: autor, personagem, narrador, leitor, consumidor, editores e suas propriedades constituídas em meios de veicular a literatura, através de jornais, revistas, livros. (NASCIMENTO, 2015, p. 152)

Essa aproximação do conto machadiano com o público leitor surge também da exploração da oralidade, de acordo com Nascimento (2015). Machado de Assis aproxima o discurso ao leitor não somente por histórias relacionadas à população menos abastada, mas também pela oralidade. Assim, Nascimento (2015) defende que:

(...) o contista, ao aproximar-se de seu leitor, —fala a língua de seu público, aproxima-se dele como se estivesse contando oralmente. É da oralidade machadiana que surge a sua modernidade, estabelecida em fragmentos, por sua atuação na imprensa carioca, que era o lugar onde o conhecimento se ligava ao entretenimento, a política à polêmica, a literatura a disputas que envolviam estéticas e ideologias completamente díspares, como os liberais da Gazeta de Notícias, os monarquistas da Marmota e do Futuro e os conservadores do Jornal das Famílias e da revista A Estação. (NASCIMENTO, 2015, p. 153)

Mesmo na fase inicial de sua carreira é possível identificar uma certa procura pelo desafio à realidade contemporânea na prosa machadiana; uma crítica do modelo de modernidade em curso. Como Schwarz (2012) aponta, a ousadia de Machado se inicia limitada à vida familiar, “onde analisava as perspectivas e iniquidades do paternalismo à brasileira, apoiado na escravidão e vexado por ideias liberais” (SCHWARZ, 2012, p. 248). Além disso, o “desvalimento inaceitável dos dependentes” (p. 248) e as “arbitrariedades dos proprietários” (p. 248) eram examinadas. Seu gênero era realista, destinado às famílias.

Schwarz (2012) aponta que, embora seu gênero seja convencional e haja uma atitude moralizante em sua prosa, ela é esclarecida e engajada à sua própria maneira, posto que

(...) recomendam a substituição do paternalismo tradicionalista e autoritário, em que o proprietário dispõe de seus dependentes sem consulta, o que naturalmente mutila e humilha, pelo paternalismo esclarecido, em que o respeito mútuo civiliza a relação, embora sem questionar a desigualdade e o trabalho escravo que a sustentam. Trata-se da modernização do paternalismo, ecoando à distância, de dentro da anomalia do país, o avanço das igualdades formais em curso nos países-modelo. Mais especificamente, Machado ensaiava os prós e os contras de uma aliança caso a caso, por cooptação e baseada no interesse bem compreendido das partes, entre a propriedade e os pobres

que se puderam educar. Sugeriu aos envolvidos uma sociedade mais inteligente e parcialmente menos bárbara. (SCHWARZ, 2012, p.260)

É precisamente essa forma de tratar questões sociais que pressupõe uma cultura mais intelectual do que aquela na qual Machado de Assis se inseria. A ironia com a qual assuntos “sagrados” são tratados, como os clássicos, a filosofia, a ciência e até mesmo a Bíblia são aliados a ideias avançadas, buscadas “fora do *mainstream* francês e português contemporâneo” (SCHWARZ, 2012, p.250) e adaptadas à realidade brasileira. Isso criava efeitos que pareciam tanto errados quanto convincentes e, em sua complexidade, forçavam o leitor a refletir sobre as consequências daí advindas. Schwarz (2012) destaca o que chama de “desprovincianização e universalização” (p. 256), cujo resultado é a “inserção do país no perímetro da humanidade moderna, inserção obtida a golpes de insolência narrativa, ora estridente, ora sutilíssima”. Assim, no que tange à modernidade da prosa machadiana, Schwarz (2012) afirma que:

a modernização seria de natureza espiritual, ligada ao esforço de distinção dos pobres e à disposição receptiva dos bem-situados, quer dizer, a um momento de compreensão entre as classes, longe da luta por quaisquer direitos, bem como da formulação franca. (SCHWARZ, 2012, p. 261)

A estranheza tão peculiar das obras de Machado de Assis, portanto, é um resultado da percepção do autor da disparidade das “alienações de proporção histórico-mundial”. É essa disparidade que se torna o centro de sua obra.

Em termos de temas, é possível identificar os seguintes principais aspectos como residentes no cerne da obra machadiana, tanto nos contos como nos romances, como listadas em Gledson (1998):

1. Identidade: Quem e o que sou eu? Esse tema é explorado, entre outros, no conto *O Espelho*.
2. Relação entre realidade e imaginação, como trabalhado em *Dom Casmurro*.
3. O sentido do ato: Serei eu algo mais do que as ações me definem? *Esau e Jacó* apresenta uma exploração desse tema.
4. Perfeição: a aspiração ao ato completo, à obra total. Um dos exemplos é *Um Homem Célebre*.
5. Qual a diferença entre o bem e o mal, o certo e o errado? Esse tema é trabalhado profundamente em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

6. Transformação do homem em objeto do homem: é relacionado à falta de liberdade verdadeira. Esse aspecto é trabalhado em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, bem como em *Quincas Borba*.

Cabe ressaltar que esses temas são generalizações de aspectos de seu trabalho. Não se deve reduzir a obra machadiana a esses temas, pois, complexas e ambíguas como são, muito há para se encontrar em seus diversos níveis. Por ser seu estilo aparentemente simples, sua neutralidade se torna uma enganação que termina por levar os leitores a aspectos escondidos de sua obra.

Como aponta Gledson (1998), outra preocupação da obra de Machado de Assis é a questão feminina: a vida das mulheres é um dos assuntos que ele aborda constantemente. A publicação de seus contos em periódicos femininos é tanto uma origem quanto um reflexo dessa preocupação. Outros aspectos sociais explorados são a escravidão e as relações entre pessoas de diferentes classes, embora tabus na época sejam explorados pelo autor de forma segura. No caso da escravidão, embora não pudesse ser direto, Machado explorou o tema de forma totalmente e radicalmente irônica. É com essa ironia amarga, adicionada a um tom despreocupadamente humorístico, que ele trata de outros aspectos sociais, como ocorre com a questão do destino dos pobres no conto *Folha Rota*.

A questão do tom foi uma preocupação do próprio autor no final da década de 1870, quando ele se deparou com a problemática do estilo e do gênero a serem adotados. O resultado disso é um estilo desconcertante – há frequentemente um “desrespeito bem-humorado ou sarcástico” (GLEDSON, 1998, p. 28). Isso se justifica pela consciência de que Machado trabalhava em uma tradição literária que se calcava precisamente no extraordinário.

Outro aspecto relevante da obra machadiana é também o bom humor. Como Cândido (1995) aponta, é a partir dele que vem o tom da maioria dos trabalhos de Machado de Assis: “ocasional e reticente, digressivo e coloquial” (CÂNDIDO, 1995, p. 32). Nesses, é clara a perícia em criar ficção, revelando um autor habilidoso e divertido, além de extremamente diverso. Essa diversidade é ligada intimamente à universalidade de sua obra, que explora os temas essenciais não somente de uma perspectiva humana, mas também no que tange ao contexto brasileiro, abordando as questões sociais de forma precisa. Cândido (1995) afirma que:

(...) este Machado de Assis despretenso e de bom humor constitui porventura o ponto de referência dos demais, porque dele vem o tom, ocasional e reticente, digressivo e coloquial, da maioria dos seus contos e romances. Nele se manifesta o amor da ficção pela ficção, a perícia em tecer histórias, que se aproxima da gratuidade

determinativa do jogo. Deste autor habilidoso e divertido brota o Machado de Assis focalizado aqui. (Cândido,1995, p.32)

Assim, é evidente que o humor e o tom peculiar são essenciais na ficção tecida por Machado, como ferramenta para sua leitura corrosiva do campo social e histórico.

No que é chamada a “crise dos quarenta anos”, a prosa de Machado se torna mais intensa e confiante, enquadrando-se menos nas definições estritas para os gêneros: ela se torna multidimensional, principalmente por conta do humor. Os enredos tomam uma dimensão social e histórica através da inserção de detalhes que constroem uma “história nacional bastante cética e original” (p. 31). Ademais, há um tipo de alusão maliciosa que é um dos aspectos dos romances da segunda fase de Machado de Assis.

Com o passar do tempo, Machado produziu histórias de tons e gêneros extremamente diversos. Nelas, predomina um tom coloquial e irônico em sua intimidade, além da rapidez narrativa; o narrador parece desprendido e leva a prosa até um clímax calculado, fazendo uso de observações hábeis.

2.2 História da leitura da obra de Machado de Assis

A massa de leitura crítica da obra machadiana constituída nas primeiras décadas do século XX possuía uma visão de sua ficção tomando-a como filosófica, direcionada a temas universais. Com o decorrer do tempo, passa-se a ler Machado de forma psicanalítica, disciplina em voga na época, que procurava conectar a vida e a obra do autor. Com o passar do tempo, as diferentes leituras resultaram na ideia de que era preciso ler Machado de Assis com o “senso do desproporcionado e mesmo o anormal” (CÂNDIDO, 1995, p. 20). É nessa nova perspectiva que os críticos passam a chamar a atenção para a ambiguidade na obra do autor que obriga a uma leitura mais exigente. Com isso, a fortuna de Machado não mais o considera como um “ironista ameno” e acadêmico, mas sim o “criador de um mundo paradoxal, o experimentador, o desolado cronista do absurdo” (p. 21).

A partir de 1940, a leitura de Machado de Assis passa a tender para a filosofia e sociologia a fim de focar a angústia existencial. É nesse ponto que uma perspectiva social da obra passa a surgir, aliando a obra em termos da forma como ela descrevia a sociedade. Assim, passa-se a compreender que Machado de fato foi capaz de entender a natureza do Brasil de forma penetrante; entretanto, ao invés de descrevê-la, Machado a incorpora à ficção como um “elemento funcional da composição literária” (CÂNDIDO, 1995, p. 21). Essa habilidade é

nítida quando são enfocados os contos que tratam de questões sociais, como pobreza e escravidão, mencionados anteriormente.

A crítica brasileira, inicialmente, embora admirasse a ficção de Machado de Assis, a via de forma distante por conta de sua sutileza superior àquela encontrada no país até então, como observa Schwarz (2012). A partir da segunda metade do século XX, a crítica passa a focalizar o “processamento literário da realidade imediata, pouco notado até então” (p. 13). Assim, há uma mudança da visão sobre a obra machadiana, definida por Schwarz da seguinte forma:

Em lugar do pesquisador das constantes da alma humana, acima e fora da história, indiferente às particularidades e aos conflitos do país, entrava um dramaturgo malicioso da experiência brasileira. Este não se filiava apenas aos luminares da literatura universal, a Sterne, Swift, Pascal, Erasmo etc., como queriam os admiradores cosmopolitas. Com discernimento memorável, ele estudara igualmente a obra de seus predecessores locais, menores e menos do que menores, para aprofundá-la. (SCHWARZ, 2012, p.13)

Schwarz (2012) aponta que a obra machadiana se apoia nos ombros de seus predecessores, através dos quais a “descrição de costumes e esforço analítico” (p. 247) tiveram sua origem. Entretanto, nota-se um avanço que surge das “transgressões à sensatez” (p. 251) apresentado pelo desenvolvimento do narrador machadiano. Para os críticos, essas transgressões são desapegadas do contexto local, mas também nele se apoiam.

Essa relação com os predecessores é justificada por Schwarz (2012) como oriunda da convergência das obras de Machado de Assis com “a primeira linha da literatura de seu tempo, que se aplicava a desobstruir realidades desconhecidas sob a realidade burguesa”. Os empréstimos clássicos do autor levam, portanto, a crítica a buscar neles o seu mérito, “com prejuízo para a compreensão do caráter atualista e adiantado de sua experimentação”. Assim, para Schwarz:

A exibição de inteligência, requinte técnico e cultura geral do narrador machadiano é incômoda ao primeiro contato, embora logo se imponha como um grande achado. Em plano algo risível, ela era uma demonstração de proficiência literária, que atendia ao nosso esforço patriótico de formação cultural acelerada. Aqui estava um narrador culto entre os cultos, que não envergonhava ninguém e que contribuía para elevar a cultura nacional a novo nível, acima da modéstia simpática que vinha sendo a regra. (SCHWARZ, 2012, p. 279)

Com o passar do tempo, a crítica passa a visualizar Machado de Assis não como um “fenômeno solitário e inexplicável”, como aponta Schwarz (2012, p. 15), mas como “continuador crítico e coroamento da tradição literária local” (p. 15); como “em anotador e

anatomista exímio de feições singulares de seu mundo, ao qual se dizia que não prestava atenção” (p. 15); e como idealizador de formas sob medida, capazes de dar figura inteligente aos” (p. 15). Assim, havia uma lacuna entre a originalidade e superioridade da obra machadiana e o contexto em que ela se originalmente inseria; essa lacuna foi, com o passar do tempo, sendo reconhecida, para que Machado de Assis fosse reconhecido, não com a distância que seus contemporâneos o conferiam, mas com a admiração pelo reconhecimento total de sua qualidade.

Por mérito da qualidade literária de suas obras, no Brasil, Machado de Assis foi admirado e apoiado desde o início da carreira e foi considerado o maior escritor do país aos cinquenta anos, o que é justificado pela maestria de sua técnica e dos temas explorados em sua obra. Embora a riqueza da obra de Machado de Assis e suas peculiaridades já estejam tão bem estabelecidas e reconhecidas, sua obra não obteve reconhecimento internacional, até meados do século 20. Assim, apesar de sua estatura internacional, em outros países sua obra permaneceu na obscuridade. Isto principalmente porque o português é uma das línguas menos conhecidas no ocidente e, portanto, os romancistas que escreveram em língua portuguesa tiveram dificuldade em encontrar o êxito internacional que tantos outros escritores alcançaram. Nas últimas décadas seus escritos vêm finalmente ganhando proeminência no exterior, demonstrando o que Cândido (1995) define como uma capacidade de sobrevivência e adaptação ao espírito do tempo.

Schwarz (2012) identifica, similarmente, que, embora Machado de Assis não tenha tido quase nenhum renome internacional até o meio do século XX, o mesmo ocorreu com a literatura brasileira de forma geral. A literatura de qualidade, como é a machadiana, permaneceu obscura. Com a produção de traduções de obras machadianas o prestígio internacional de Machado de Assis foi progressivamente alcançado: estudos, principalmente em língua inglesa, foram surgindo aos poucos, principalmente pelo fato de a língua portuguesa ter sido considerada estratégia para os Estados Unidos no período pós-guerra e após a Revolução Cubana.

Diversos escritores, como Cecil Hemley e Allen Ginsberg, demonstraram seu interesse pela obra machadiana: este último até mesmo afirmou considerar Machado um segundo Kafka. John Barth afirmou que a leitura da obra machadiana ensinou a ele que “as cambalhotas narrativas não excluía o sentimento genuíno nem o realismo, numa combinação *à la Sterne*, que mais adiante se chamaria pós-moderna” (SCHWARZ, 2012, p. 12).

Por conta de novas traduções de romances machadianos, a *New York Review of Books* publicou, no início da década de 2010, uma resenha consagrada sobre Machado de Assis. Schwarz (2012) entende essa publicação como uma prova de que “depois de cem anos o

romancista brasileiro entrou para o cânon da literatura viva” (p. 16). Adicionalmente, a obra do escritor tem alcançado contextos mais amplos nos Estados Unidos, sendo ensinado em cursos sobre os clássicos do romance moderno, para além daqueles sobre literatura brasileira.

2.3 Como ler Machado em sala de aula

Embora a maestria de Machado de Assis esteja firmemente estabelecida tanto em solo nacional quanto em outros países, sua prosa não é frequentemente trabalhada em sala de aula. Como Auriemo (s.d.) observa, a maioria dos professores acredita que abordar sua prosa no ensino fundamental seja inviável, pois consideram “a linguagem do autor difícil e muito refinada” e os enredos “antigos demais para agradar os pequenos leitores” (p. 1). Entretanto, evitar o autor é um equívoco, pois a obra de Machado é “extensa e com conteúdos perfeitamente compreensíveis para esta faixa etária” e tem “papel muito importante na formação de leitores literários” (p. 1).

De forma abrangente, a abordagem de clássicos em sala de aula, como Auriemo (s.d.) frisa, é uma ponte para que os alunos possam estabelecer “vínculos com as gerações anteriores e se integrarem à cultura”, visto que compartilham por meio deles “referenciais linguísticos, artísticos e culturais” (p. 1). A sala de aula é um espaço no qual os discentes e o docente podem interagir com o texto e tomar parte em um processo de reaprendizado constante (ALVES, 2019, p. 1); assim, o trabalho com os clássicos tem o potencial de iniciar a interação com textos que permitam a criação de uma ponte com o legado artístico e cultural do país.

A leitura da ficção em sala de aula tem sua importância reconhecida – entretanto, como Santos (2018) destaca, é necessário que metodologias eficientes e bem arquitetadas sejam empregadas a fim de assegurar que a formação de leitores críticos seja bem-sucedida. Frequentemente os professores, especialmente aqueles da rede pública, testemunham o que Santos (2018) define como uma “apatia literária” (p. 25): a escola continuamente enfrenta desafios para formar leitores. Muitas vezes o estudante é incapaz de verdadeiramente dar sentido àquilo que lê, faltando a ele a habilidade de refletir criticamente sobre o material lido. Essa situação é agravada pela difícil realidade das escolas brasileiras, especialmente aquelas que não dispõem das condições ideais para formar leitores engajados. Embora os alunos mais jovens demonstrem grande empolgação no que tange à leitura de textos literários, não é raro encontrar estudantes já com oito anos de idade que relatam desgostar de tal atividade. Santos (2018) postula que um fator crucial para essa mudança é o próprio ensino de literatura da escola, cujas metodologias não são efetivas.

Para a formação de leitores críticos, é necessário ir além da leitura do texto e seguir adiante, procurando respostas para as questões que o texto literário traz. É precisamente esse processo, como defende Santos (2018), que torna possível o letramento literário. A fim de propor uma solução para essa lacuna no ensino, o autor propõe o uso de uma sequência didática para trabalhar contos de Machado de Assis em uma sala de aula da rede pública, embora destaque que a obra machadiana é muitas vezes vista inicialmente pelos estudantes como sendo de difícil compreensão e tenha certa recusa por parte dos alunos. A sequência didática desenhada para o trabalho em questão foi tão efetiva que possibilitou que os alunos reconhecessem a riqueza literária de Machado, criando assim um vínculo mais próximo com uma obra que lhes parecia anteriormente distante através da abordagem de contos cujos temas são atuais e próximos à realidade dos discentes.

Esse resultado está ligado à observação que Alves (2019) faz sobre a leitura: “quanto mais se tem leituras, mais se tem oportunidades de partilhar observações e fazer suas ponderações a respeito das leituras feitas” (p. 236). Assim, é a partir dessa habilidade dos alunos de compreender criticamente o que foi lido que o processo de letramento e formação de leitores de fato se instala. Como Alves (2019) observa, por meio da aplicação de um texto de Machado de Assis em sala de aula, os alunos se tornaram “mais dinâmicos e abertos ao diálogo com os outros” (p. 236). Isso foi feito por meio da criação de uma ponte entre os temas dos contos machadianos e os temas da atualidade, permitindo que os alunos compartilhassem suas opiniões e desenvolvendo o senso crítico. A criação dessa ponte é extremamente efetiva no trabalho com os textos machadianos, visto que os temas de cunho social, como aponta Alves (2019), são “típicos das orientações críticas machadianas” e permitiram que os alunos traçassem “seus próprios diálogos de vida, ao compararem suas rotinas a algum conteúdo ou situações cotidianas vivenciadas pelos personagens” (p. 239). Não se trata de dar uma roupagem atual para o escritor do passado, atualizando seus temas e personagens, mas de discutir como problemas enfrentados na ficção machadiana – problemas históricos, sociais, culturais, psíquicos etc. – podem permanecer relevantes para o tempo presente. Assim, os alunos não somente podem ler os textos, mas assumirem o papel de leitores ativos, pensando criticamente sobre eles por meio do enfoque das obras como pertencentes ao século em que foram criadas. Esse trabalho pode ser realizado por meio do resgate de temas atuais e a criação de uma ponte entre temas que pareçam mais distantes temporalmente dos alunos, de forma a demonstrar a atualidade dos dilemas e questões apresentados na obra machadiana.

É nessa perspectiva que Auriemo (s.d.) verifica que a leitura de contos de Machado de Assis em sala de aula gerou nos alunos uma mudança de postura com relação aos clássicos. Se

antes os alunos se interessavam somente por livros coloridos e ilustrados, após o trabalho com os contos machadianos os estudantes adotaram uma postura mais curiosa e passaram a indagar sobre os autores dos livros e questionar os colegas sobre as obras em questão. Além disso, os alunos também foram capazes de identificar estratégias estilísticas e desenvolver um entendimento do texto para transformar os contos em peças de teatro. Desta forma, foi possível desenvolver mais do que a mera leitura nos alunos: foi desenvolvida também a compreensão sobre o que de fato está sendo dito nos textos.

Com isso, torna-se possível verificar que não somente a leitura de ficção tem seu lugar na sala de aula, mas também que os clássicos podem ser trabalhados de forma enriquecedora no que tange à formação de leitores críticos. A leitura de Machado de Assis, embora possa encontrar estranhamento por conta de um pré-conceito dos estudantes, respaldado em nossa cultura escolar, ela pode ser abordada sob diversas óticas gerando múltiplos aprendizados.

2.4 A literatura e a música em Machado de Assis como representação da arte nacional

Intelectuais como Antônio Candido e Lúcia Miguel-Pereira destacaram o conto machadiano como grande expressão de nossa literatura, além de importante papel como parte de crescimento e amadurecimento do autor.

É perceptível que Machado já tinha uma reflexão sobre o desenvolvimento e o desejo de independência da literatura brasileira desde muito cedo. Antes de começar a escrever a prosa de ficção que o consagrou como artista, sabia o que era preciso rejeitar para si os modelos então vigentes. Não desprezava as referências estrangeiras, mas enxergava a necessidade da criação de modelos próprios, mesmo que isso exigisse um processo longo e lento, que levaria gerações para se concretizar.

De acordo com o que observava, Machado conduziu sua produção, como atestam seus ensaios críticos sobre literatura, nos quais analisa autores contemporâneos, de diferentes nacionalidades. De poesia e teatro inexpressivos, transparecia no crítico não só a vocação para a prosa, mas a preocupação com o papel do escritor e com um fazer literário consciente. Assim, a inquietação do autor se traduziu em ação: pôs-se a experimentar todos os gêneros literários. Os primeiros contos surgiram na década de 1860, no *Jornal das Famílias*, publicados em livro em 1870.

Segundo Freitas (2012), o conto foi uma espécie de laboratório escolhido por Machado (como o foi por outros grandes escritores) para a experimentação e exercício de padrões

estilísticos que, mais tarde, seriam sua identidade literária. Os experimentos bem-sucedidos dos contos acabaram por compor a narrativa ficcional e, mesmo depois do sucesso alcançado como romancista, Machado continuou a escrever e a publicar contos com muito mais assiduidade do que fez com as narrativas longas.

A necessidade e o desejo de buscar uma identidade para a literatura brasileira e para si próprio como escritor fizeram Machado diversificar sua formação intelectual. Como afirma Lúcia Miguel Pereira, “Machado de Assis foi uma exceção no Brasil do século XIX e ainda seria no Brasil do século XX”, pois “os livros que amava não eram os que nutriam os seus contemporâneos”. Shakespeare, Sterne, Dickens, Pascal e Victor Hugo são alguns exemplos de seus autores favoritos: “as leituras de que se embebeu o exaltam, pois essa escolha o alcançava muito acima de seu meio” (VERISSIMO, p. 213-214).

José Veríssimo já observara que Machado, “estranho à petulância da juventude que estuda, observa, medita, lê, relê os clássicos da língua e a paixão pelos clássicos europeus, delineou sua formação intelectual e se transformou em objeto de pesquisa sobre a biblioteca do autor.” O contista Machado aborda com a mesma desenvoltura as vaidades, os sonhos, as frustrações, os crimes e as anomalias de seus personagens. Para Pereira, sob o ponto de vista temático, o autor mostrou como as condições especiais da sociedade que aqui se formou no Império repercutiram sobre os elementos constitutivos da personalidade. Nas suas matronas e damas elegantes, nos seus homens ambiciosos, libertinos de corpo ou de espírito, nos seus agregados e parasitas de casas ricas. Essas observações, por si, já remetem aos perfis dos contos *Uma senhora, A cartomante, O enfermeiro; às teorias filosóficas, O espelho, A igreja do diabo, O alienista*; ou, ainda, aos mistérios de *Missa do Galo* e *Uns braços*.

As narrativas machadianas têm como cenário a cidade do Rio de Janeiro no contexto histórico, social e cultural do Segundo Império, no século, XIX, período em que Machado de Assis produziu suas obras. Nessa época, a música, principalmente de origem europeia, tinha especial relevância para a sociedade carioca, conforme salienta Kiefer (1997). A valorização da música europeia erudita está relacionada a uma tentativa, por parte dos brasileiros, de se igualar não somente a Portugal, mas também aos demais países europeus de destaque, visto que as práticas originárias da Europa eram consideradas superiores às locais. Essa temática pode ser encontrada frequentemente nos contos machadianos, como reflexo de sua relação com o contexto cultural de sua época.

De acordo com Magalhães Júnior (1957), nesse contexto de mudança de concepções estéticas de valorização da arte europeia, Machado de Assis experimentou a cultura em suas diversas formas de manifestação e delas participou. Integrante das associações informais de

escritores, frequentador de gabinetes de leitura e de bibliotecas, membro atuante na imprensa nacional, crítico, teatral, estimulador da criação de espaços para apresentações dramáticas e líricas, o escritor vivenciou o exercício de sua produção literária paralelamente a de leitor e espectador.

Essa participação não pode ser ignorada na análise de suas narrativas, pois, ao experimentar essa cultura, ele a transferiu para a sua obra e sobre ela exerceu seu pensar crítico. Apesar da relação intensa do escritor com a vida musical do Rio de Janeiro de seu tempo e da presença constante da temática musical em seus contos e romances, nesse período a literatura romântica e seus ideais entram em declínio. Desse modo, os escritores começam a se preocupar em enunciar, principalmente, a realidade social e os conflitos existenciais do ser humano.

Entre as principais características contempladas pelos autores, pode-se destacar as seguintes: crítica dos valores sociais, linguagem popular, objetivismo, tramas psicológicas, utilização de cenas cotidianas, valorização de personagens inspirados na realidade, crítica social e visão irônica da realidade.

Portanto, para a análise da obra machadiana, é necessário que seu contexto sociocultural seja compreendido, já que as preocupações sociais e conflitos existenciais da época são identificados nos contos do autor. Ademais, o contexto musical também se faz presente nas narrativas, criando a necessidade de compreensão de aspectos sociais envolvidos e refletidos na construção das tramas.

2.5 Apresentação dos contos: *Um Homem Célebre*, *Cantiga de Esponsais*, *O Machete* e *O Enfermeiro*

O conto “*Um Homem Célebre*”, o primeiro escolhido para esse estudo, é considerado um dos melhores escritos por Machado. Foi publicado em 1888. É caracterizado por uma caracterização sutil; por ironias escondidas; e por uma contribuição pessoal de Machado ao tema da perfeição (GLEDSON, 1998).

Em “*Um Homem Célebre*”, o compositor de polcas Pestana é o mais famoso do momento. Ele é reconhecido e elogiado por seus trabalhos, mas despreza as próprias obras, pois seu sonho é criar uma peça erudita. Ao tentar alcançar o que almeja, Pestana crê que finalmente criará sua obra desejada, mas compõe mais uma polca – e compõe polcas até o fim da vida. Um pouco mais resumindo a trama do conto.

Como aponta Cândido (1995), neste conto está escondida, sob a leveza do humor, a impotência espiritual do homem, bem como a busca da perfeição. Embora não haja um julgamento pessoal ou uma solução no texto, há uma certa simpatia autoral na abordagem do tema. O humor nesse conto não é uma resposta às questões com as quais o personagem principal, Pestana, se depara, mas é apresentado como uma forma de conviver com esses dilemas. As contradições dão a vida à prosa, transitando entre o coloquial e o formal, o local e o universal, o detalhe e as grandes questões (GLEDSON, 1998, p. 52). Há ironia em diversos níveis neste conto, para além da obviedade da eterna produção de polcas de Pestana: Machado critica, de forma muito aguçada, a cultura comercial, que iniciava um processo de massificação da arte para alcançar o lucro, como Wisnik (2003) observa.

Em seu cerne, o conto “expõe o suplício do músico popular que busca atingir a sublimidade da obra prima clássica (...) mas que é traído por uma disposição interior incontrolável que o empurra implacavelmente na direção oposta”, conforme identifica Wisnik (2003, p. 14). Assim, o sucesso inegável do compositor de músicas populares é colocado em contraste com o fracasso de suas ambições para com a erudição. A glória desejada não é alcançada por uma impotência criativa. Ele deseja compor uma peça erudita, mas é sempre uma obra popular que sai de seu piano. É esse vai-e-vem entre a ambição e a vocação, entre o erudito e o popular, que gera em Pestana sua angústia.

Em “Cantiga de sponsais”, similarmente, Machado desenvolve o tema da impotência criativa por meio da história de mestre Romão, um músico carioca que, embora introspectivo, se mostrava extremamente alegre quando regia. O sonho de ser um grande compositor, para além de executor, lhe acompanhava, embora lhe faltasse inspiração, no que é chamada no conto de uma “vocação sem língua”. Ao sentir que se aproxima o fim de sua vida, mestre Romão procura finalizar uma peça antiga, mas falha no processo. Finalmente, depois de muita insistência, o som da voz de uma moça é ouvido através de janela, carregando precisamente a melodia inspirada e inédita que ele procurara por anos, sem jamais alcançá-la. Wisnik (2003) observa que há impossibilidade na busca de Romão, baseada em um horizonte inalcançável da psique do músico.

Cabe ressaltar que, embora tanto “Um homem célebre” quanto “Cantiga de sponsais” abordem a impotência criativa, “Cantiga de sponsais” ilustra uma impossibilidade completa com relação ao ato de criação, afinal o que se vê no primeiro conto é a luta de Pestana para se deslocar do espaço popular em direção ao erudito como ponto central da trama. Enquanto Pestana não consegue compor uma obra erudita, clássica, Romão, não obstante o enorme talento e a conhecimento musical, não cria uma obra própria, apenas reproduz a dos outros.

“O Machete”, escrito em 1878, aborda a história de Inácio Ramos, também músico, um rabequista de primeira categoria, morador da periferia do Rio de Janeiro. Ao ouvir a performance em público de um violoncelista alemão, Inácio é tocado pela “musa”, e passa a estudar o violoncelo. Para ele, a rabeca passa a ser somente um instrumento de trabalho; é no violoncelo que ele compõe e exprime suas emoções. Eventualmente, passa a tocar suas composições com mais frequência, chamando a atenção de dois jovens: Amaral e Barbosa. Este último Inácio reconhece como talentoso ao tocar o machete (também conhecido como cavaquinho); assim, passa a promover serões em sua casa. Inácio passa a arquitetar a combinação do som do violoncelo e do machete; entretanto, esse aparente contraste entre a erudição do violoncelo e a popularidade do machete não é visto com bons olhos. Por fim, a esposa de Inácio foge com Barbosa, fazendo com que o músico caia na loucura.

A questão da música popular e erudita é exposta nesse conto por meio da oposição entre os instrumentos (violoncelo e machete) cujas características são completamente contrapostas no tom e no valor, como aponta Wisnik (2003): a narrativa expõe a “superioridade moral, intelectual e espiritual do violoncelista sobre o cavaquinista, ‘um espírito medíocre’ (...) cuja perícia instrumental se combina com exibicionismo puro” (p. 18). A trajetória de Inácio, por sua vez, é exposta de forma a demonstrar a dedicação e o sacrifício empenhados para sua formação. É precisamente essa disparidade que Machado procura expor, escancarando o que Wisnik (2003) identifica como uma fratura no meio cultural brasileiro entre o repertório da música erudita e a música popular urbana. De certa forma, o texto exige a empatia e a identificação do leitor com a esfera cultural representada pelo violoncelo, exibindo um certo viés na mensagem que passa por meio dessa dicotomia. É uma característica oposta àquela identificada em “Um homem célebre”, visto que o compositor popular não é exposto como simplista ou oportunista, mas sim como perdido em meio aos seus conflitos.

A exposição dos temas centrais dos três contos torna possível identificar alguns pontos em comum a todos eles. Em primeiro lugar, de forma mais clara, verifica-se que todos os três têm como tema central a música, desenvolvendo-se em torno de protagonistas musicistas. Machado insere em todos os três a oposição entre a cultura tida como erudita, trazida da Europa, e a cultura popular, muitas vezes originária da própria sociedade brasileira, como é o caso do próprio machete. Ademais, embora cada personagem tenha suas próprias motivações, todos possuem um desejo e por ele são derrotados, frente à impossibilidade de alcançar o ideal esperado.

Essa derrota é expressa nos três contos de formas diferentes. Em “Um homem célebre”, Pestana é derrotado pelo seu próprio talento em criar polcas – talento esse que se prova um

empecilho para alcançar o que ele considera como um nível superior de sua arte, qual seja, a criação de uma obra de arte erudita. Já em “Cantiga de esponsais”, a derrota está expressa no esforço derradeiro de mestre Romão em criar uma peça com a qual sonhou por toda a vida, apenas para ouvir a melodia que almejou cantada por uma moça à janela perto da hora de sua morte. Aqui a cultura popular não é derrotada pelo erudito em si, mas o alcance da erudição é em si uma falha, encarnada no problema da impossibilidade.

Em “O machete”, essa dualidade é trazida ao extremo, visto que a figura de Carlotinha, esposa de Inácio, termina por fugir com o tocador de machete, o musicista de um instrumento visto como inferior. Ademais, é proposta uma oposição de caráter entre os dois homens, que sugere a noção de que o erudito é mais nobre, mais valioso; e o popular, medíocre e vulgar. Entretanto, Barbosa, o tocador de machete, tem extremo sucesso com sua audiência, chegando a ofuscar a performance de Inácio. Cabe destacar, como aponta Bender e Saraiva, que há uma ironia extremamente presente no sucesso de Barbosa, já que o machete, para Inácio,

(...) é sinônimo de preocupação e angústia, para o público ele transmite um som alegre, que anima as pessoas. O leitor depreende, ao final, que o contraste entre a atitude de Inácio e a recepção do público não está relacionado à sonoridade do instrumento, mas a significações implícitas: à falta de sensibilidade do público, que atribui mais valor à sensorialidade provocada pelo machete, em detrimento à expressividade do violoncelo; à preferência de Carlotinha pelo machete – substitutivo metonímico do machetista – com quem ela foge, abandonando o marido e o filho.
(Bender e Saraiva, 2017, p.8)

É com maestria que Machado de Assis constrói essa dualidade, não somente em “O machete”, mas também nos demais contos aqui abordados. Neles, o erudito paira sobre a psique de seus personagens, assombrando-os, como um sonho no horizonte distante. Em consonância com os temas presentes na obra machadiana anteriormente citados neste trabalho, não é por acaso que esses horizontes se mostram inalcançáveis: é uma característica da obra machadiana a impossibilidade, expressa nestes contos como uma incapacidade de transcender ao popular em direção ao erudito.

No que tange aos limites entre essas duas culturas, cabe destacar a existência de duas abordagens diferentes entre “Um homem célebre” e “O machete”. Neste primeiro, como identifica Wisnik (2003), os limites entre esses dois mundos são confusos, borrados; em “O machete”, como verificado, é clara a afirmação de superioridade do erudito sobre o popular. Há um apelo ao ideal de uma arte elevada, claramente oposto à vulgarização representada pela música considerada comum. Pode-se considerar que “Um homem célebre”, portanto, representa um abandono da altivez e superioridade com relação à arte.

Cabe destacar, finalmente, que, enquanto Inácio Ramos é assombrado pelo popular e deseja ter a glória e sucesso experimentados pelo tocador de Machete, Pestana vai na direção oposta, desejando se tornar um músico erudito; em “Cantiga de Esponsais”, mestre Romão não se desloca entre espaços, mas sim deseja se firmar, encontrar a identidade com a qual sonha, no meio erudito em que habita. Dessa forma, embora os três músicos se encontrem em posições diferentes, todos se veem sem lugar.

O quarto conto escolhido para este trabalho é “O Enfermeiro”, cujo tema diverge da questão musical e da dicotomia popular/erudito. Este conto foi publicado em 1884, na Gazeta de Notícias. Em sua linguagem é possível verificar o coloquialismo como uma estratégia para aproximação ao leitor, como observa Nascimento (2015). Redondo (1998, p. 1) verifica, acerca de “O enfermeiro”, que este conto se inicia e finaliza com “disposições testamentárias que enfeixam uma confissão”.

O conto “O Enfermeiro” é protagonizado por Procópio, um homem que recebe um convite para deixar seu emprego para cuidar de um idoso enfermo e rabugento. A narrativa aborda inicialmente os meses em que os dois passam juntos. O homem, um velho coronel, era conhecido por tratar a todos com rudeza e até mesmo violência; Procópio eventualmente pede demissão após um ato de agressão, mas o coronel pede para que fique e se desculpa. Entretanto, o coronel retoma seus hábitos e Procópio decide deixar o emprego definitivamente. Nesse ínterim, enquanto aguarda um substituto, o coronel atira uma vasilha de água em Procópio; assim, Procópio o esgana e causa a morte do enfermo.

Aterrorizado, Procópio decide ocultar o crime e retorna à capital, descobrindo que, com a morte do coronel, toda a riqueza passa a pertencer a si. Inicialmente, assolado pela culpa, ele decide doar todo o dinheiro; enquanto os trâmites da herança ocorrem, o que leva alguns meses, ele passa a ser considerado uma pessoa caridosa e ouve diversas acusações quanto ao caráter do coronel. Com isso, ele deixa sua decisão de lado e opta por manter o dinheiro para si, distribuindo somente uma parcela aos necessitados.

Com o passar do tempo, Procópio justifica-se pensando que o coronel morreria por conta de seu aneurisma, tendo sido esganado ou não; por isso, sua culpa vai se esvaindo. Ao longo da trama, Procópio, como narrador, pede que seu leitor o julgue da melhor maneira possível, à maneira machadiana, embora sem jamais realmente reconhecer sua culpa.

Redondo (1998) aponta que, ao ver enterrado o coronel, Procópio vê também enterrada a punição pelo seu ato; entretanto, Procópio vê em si mesmo agora a maldade que os outros relatam ter visto no falecido: “é o vício que o reconcilia com o morto” (p. 4). Procópio passa a entender que não há a hipótese da redenção moral para si, mas o que o consola é que a ele foi

dada uma posição que o sustentará até o fim por meio da aura de virtude que ele passa a sustentar.

Como Redondo (1998) aponta, Procópio jamais esconde seu interesse no dinheiro, sujeitando-se a diversas situações desagradáveis. Ao final, Procópio faz seu testamento em benefício próprio; compreende que foi admirado, apesar de seus atos, enquanto o coronel, embora conhecido como cruel, teve um gesto de generosidade ao deixar sua herança ao homem que cuidou dele até o fim. (explora essa dicotomia em relação ao que aparenta, ao que se mostra socialmente e o que de fato ocorre)

Acerca de “O enfermeiro”, Cavalcante e Pádua (2020) verifica o uso da fina ironia machadiana. Ela se apresenta tanto de forma clara quanto de forma subliminar, exigindo atenção para que seus detalhes não escapem ao leitor. Os nomes dos personagens em si já indicam uma técnica refinada:

Coronel Felisberto significa ilustríssimo e indica uma pessoa sensível. Por trás daquele ser intolerável se escondia, quem sabe, alguém generoso. A prova disso é que deixou toda a herança para aquele que cuidava dele e, supostamente, o matou. Procópio José Gomes Valongo: Procópio do grego, aquele progride. Valongo era o Porto carioca que recebia o tráfico negreiro e a casa de comércio de escravos. Portanto, Procópio Valongo é o que progride através da desgraça humana (LIMA et al. 2016).

Outras camadas de ironia também podem ser identificadas, ainda seguindo Cavalcante e Pádua (2020). O próprio título do conto e de Procópio, “O enfermeiro”, indica alguém cujo papel é cuidar: entretanto, de quem Procópio realmente cuida? Do enfermo ou de si próprio? A respeito disso, Cavalcante e Pádua (2020, p. 4) identifica que “Machado trabalha a narrativa mostrando a essência do ser e do tema, por meios contraditórios, próprios da ironia. Ele faz isso usando a contradição e os conflitos humanos”. Assim, é frequentemente por meio dos conflitos internos de Procópio que essa ironia é trabalhada.

Um dos maiores exemplos de ironia no conto em questão é a frase “Bem-aventurados os que possuem, porque eles serão consolados”: Cavalcante e Pádua (2020) aponta que essa frase é uma paródia do Sermão da Montanha, cujo original é “Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados”. Por meio dessa paródia, Procópio procura convencer o leitor ao fazer uma conexão religiosa que visa mostrar que os mais abastados são os que mais merecem. Assim, Procópio seria o merecedor da fortuna, cujo ato de crueldade é perdoável – e o coronel é o vilão. Entretanto, tudo isso só é possível pela narração em primeira pessoa, pois o leitor é conduzido somente pela visão narrativa limitada de Procópio.

Assim, verifica-se que a própria estrutura do conto é cheia de pontos ocultos que permitem driblar a compreensão do leitor. O fato de Procópio contar a própria história já é, em si, algo que não permite que o leitor leia a história sob um determinado viés, especialmente em face da desesperada esperança que Procópio parece ter em que o leitor o absolva, embora de maneira distorcida. Como Cavalcante e Pádua (2020, p. 6) coloca, “Machado nunca engana, ele diz tudo do seu jeito, com sua técnica. O leitor é quem se engana, com uma má leitura”.

2.6 Mercado da música na sociedade brasileira no final do século XIX

Avelar (2011, p.171.188) discute a tensão entre a cultura erudita, a emergente cultura popular e a incipiente cultura de massas pela análise do estatuto da música na obra de Machado de Assis. Segundo o autor, há uma tensão entre criadores e executores, além do debate dos gêneros: a ópera, o sonatismo, a valsa, a polca e o maxixe (embora este último nunca seja referido por nome).

A obra machadiana apresenta diversos personagens envolvidos, de uma forma ou outra, com a criação musical. Entre eles, pode-se citar Mestre Romão, um artista “ainda mecênizado pela Igreja”, figurante em “Cantiga de esponsais” e figurado como fracassado compositor; Pestana, o criador de polcas que deseja ser sonatista em “Um Homem Célebre”, “já inserido na profissionalização da emergente cultura de massas mas desconforme com ela”; Inácio, de “O machete”, um “músico dividido entre o instrumento profissional, a rabeca, e o instrumento artístico, o violoncelo”; e Barbosa, o artista popular de “O machete”, que “exerce a maestria musical como bilhete de entrada em círculos de classe média”, entre outros.

Em “O machete” combinam-se o “sério e profundo”, o “leve e zombeteiro”, como modo de articular o “local brasileiro” com o “tradicional europeu” (GLEDSOON, 1988, p. 52). Wisnik (2004) aponta que “Machado de Assis foi quem primeiro percebeu (...) a dimensão abarcante que assumiria a música popular no Brasil como instância a figurar e a exprimir, como nenhuma, a vida brasileira como um todo” (Wisnik, 2004, p. 79). Para o crítico (2003, p. 14) o conto “Um homem célebre” tem papel central nessa abordagem da música como destaque na obra de Machado de Assis, denunciando a relação entre o clássico e o popular que, no Brasil, se mostrava escorregadia. Nesse conto, o tom da narrativa é melodramático; já em “Um homem Célebre,” é realista, embora em ambos os contos a questão seja tratada de forma cômica. Isso é visto pelo sucesso de Pestana, que só aumenta seu sentimento de fracasso quanto ao seu desejo de ser erudito. Há, entretanto, algumas diferenças de tratamento entre os personagens músicos das narrativas machadianas. Para Wisnik (2004), em “Cantiga de Esponsais”, Mestre Romão

se diferencia de Pestana por se frustrar por inaptidão, enquanto Pestana tem uma habilidade inata que o leva para uma direção que ele recusa.

Prada (2013) aponta que Wisnik (2003) está alinhado à visão de que a perspectiva crítica que Machado possuía deste assunto é pioneira em relação à cultura de massa. Sua obra se opõe ao sucesso alimentado pelo crescente mercado editorial, que visa a “imediatez do entretenimento, que se prevalece da incultura imperante no meio e do desejo sôfrego e generalizado, de gozar e de esquecer” (p. 20-21). Assim, é “o ponto de mutação de um sistema cultural que se desloca do músico culto estudado para o influxo do popular” (p. 20-21).

Cabe observar também, como aponta Prada (2013) e Wisnik (2003), que Machado jamais utiliza a palavra “maxixe”, escolhendo em seu lugar a palavra de origem europeia “polca”. Maxixe era o termo vulgar para tal gênero musical, pejorativo, considerado barato como o legume do qual empresta seu nome.

Há, portanto, também uma alteração de contexto cultural nessa época. Os contos de Machado registram um momento em que a música deixa de ser meramente ouvida para ser dançada. Prada aponta que é

clara a passagem da polca para o maxixe, a africanidade do ritmo, num sincretismo, abasileirando o gênero dançável europeu, em sínopes, em curvas se opondo a retas. Wisnik é categórico: o fato de Machado não usar o nome maxixe, mas sempre polca, acontece por implicar enfrentamento (direto não, oblíquo sim) da sua própria mestiçagem (2013, p. 163).

Wisnik também exalta “como Machado de Assis assinala, de maneira viva, como figura, a polarização desnivelada a que está sujeita a vida musical brasileira como um todo” (PRADA, 2013, p. 14). Em termos da caracterização dos músicos na ficção machadiana, Prada (2013) identifica que o retrato mais comum é “de um ser precário: vitimado pela falta de capital cultural, no caso do músico erudito, ou marginalizado do circuito de reconhecimento simbólico, no caso do músico popular” (PRADA, 2013, p. 20). Esses contrastes entre a polca, como gênero popular, e o erudito oferecem um vislumbre do que é chamado de indústria cultural. Ao aristocrático, só resta acompanhar a queda do prestígio de sua arte, enquanto ao sujeito popular são oferecidas diversas possibilidades, independentemente dos preconceitos que possam acompanhar seu caminho. Assim:

Se as práticas musicais populares aparecerão na obra de Machado como índices de falta de sofisticação, elas também deixarão marcas da promessa de uma entrada a um mundo mais moderno e dinâmico, inalcançável para os violoncelos. (PRADA, 2013, p. 172)

Dessa forma, Machado consegue “captar a precariedade da atividade musical do brasileiro”, tendo em vista que a Arte em si sai de cena em favor do entretenimento. Visto que a preocupação de Machado com relação à música, como aponta Prada (2013) era a discussão sobre o nível de intelectualidade de seu público, há uma aplicação de suas críticas a todas as demais Artes. Quando a esposa do violoncelista Inácio foge com o cavaquinho Barbosa em “O Machete”, fica implícito que ela (e a vizinhança) preferiam as peças populares e alegres à introspecção das peças eruditas de Inácio. É, portanto, uma metáfora sobre a oposição do erudito contra o popular, sobre a valorização e a banalização do artista.

A perspectiva que passa a operar e que Machado denuncia, portanto, é de que a cultura deve agradar a um consumidor, exercendo papel de lazer e entretenimento. Assim, tudo aqui que é considerado profundo, imaginativo, reflexivo e inteligente não tem lugar, pois não vende em um sistema que se preocupa com o lazer e com o potencial de comercialização.

É interessante verificar, quanto ao alcance da música popular no Brasil, que:

sua ambição estética, o contraponto com o repertório erudito, suas mediações e fraturas, potência e limite, assim como a carga explosiva das margens, a ponto de desbordá-las, tudo parece estar contido, como partículas litigantes e altamente concentradas, nos textos machadianos que dançam em volta, se precipitam e convergem em “Um homem Célebre. A ironia sofre, portanto, uma torsão (AVELAR, p. 175).

Assim, o sucesso estrondoso da música comercial é alimentado pelo comércio musical no contexto das obras machadianas, em detrimento da intelectualidade. Dessa forma, as obras machadianas não somente traduzem muito de seu contexto histórico e cultural, mas também denotam, por meio de seu uso de ironia e humor, as opiniões de seu autor quanto à mudança que se instalava.

Tendo em vista a discussão desenvolvida até aqui, será desenvolvido um trabalho pedagógico com os contos apresentados, através de uma proposta pedagógica que possibilite ao docente buscar meios de aprimorar o ensino sobre textos literários para apresentá-los em sala. O hábito da leitura é algo que deve ser influenciado para que seja despertado nos estudantes o gosto pelo estudo. Assim, cabe a necessidade de se desenvolver atividades que estimulem a leitura crítica, a compreensão e a escrita de textos.

2.7 Ferramentas para a leitura do texto literário

A fim de realizar uma leitura crítica do texto literário, é necessário que certos conceitos sejam elucidados, pois são eles que oferecem uma base para a compreensão de estratégias de escrita utilizadas pelo autor e que podem ser trabalhadas em sala de aula.

Conforme a literatura revisada, especialmente *Cândido*, verifica-se que a peculiaridade da escrita de Machado de Assis deve muito ao uso de certos recursos, considerados à frente de seu tempo. Entre eles, pode-se destacar o uso do humor e ironia, bem como o trabalho com as vozes textuais no que tange às peculiaridades de seus narradores. Esses aspectos podem ser considerados ferramentas no que tange ao ensino do texto literário em sala de aula, no sentido de que oferecem uma via de investigação que permite desvendar como o autor atinge determinados efeitos no texto literário e como esses efeitos trazem à tona outros significados na narrativa.

No que tange às vozes textuais, o aspecto que mais se destaca em sua peculiaridade na obra machadiana, de acordo com *Cândido*, é a forma como o narrador opera. De acordo com o *E-Dicionário de Termos Literários*, o narrador do texto literário, de forma ampla, transmite um conhecimento por meio daquilo que relata. Ele faz parte da narrativa e não se encontra à parte, pois age nela como um ator.

Os estudos da Literatura identificaram diversos tipos de narrador, alguns deles extremamente similares e identificados sob diferentes nomenclaturas. Entre eles destacam-se: o narrador autodiegético (aquele que narra suas próprias experiências; outros autores se referem a ele como narrador de primeira pessoa), o homodiegético (aquele que narra a experiência de outrem; também conhecido como narrador de terceira pessoa). O narrador externo e o narrador personagem também se destacam conforme sua situação na história narrada. O estudo em sala de aula da figura do narrador como a voz ficcional, que não coincide necessariamente com o autor (sujeito histórico), é de suma importância para a compreensão dos textos literários.

Lottermann (2009) define o narrador como um “porta-voz do autor implícito” (p. 22), ressaltando que é seu papel oferecer as informações que conduzirão o leitor através da narrativa. Ou seja, o leitor é manipulado pelo autor implícito da narrativa. O autor implícito não é um personagem, mas uma figura que é entendida pelo leitor a partir das marcas deixadas no texto, o que torna possível essa manipulação a fim de afetar a forma como os eventos narrados são compreendidos. Sobre isso, Lottermann (2009) afirma que:

Se o leitor é conduzido pelo narrador, este, por sua vez, é manipulado pelo autor implícito, que lhe confere poderes e atribuições que viabilizam a construção e personagens e fatos narrativos, úteis ao autor, no propósito de envolver integralmente o leitor na narrativa. (LOTTERMANN, 2009, p. 25)

Narradores podem ser oniscientes em diversos graus: é possível que tenham acesso a informações sobre pensamentos e sentimentos de todos os personagens ou que estejam limitados a um único ponto de vista. Esse grau de liberdade é um recurso que pode ser utilizado pelo autor e consequentemente desvendado pelo leitor: a partir dele, é criada uma ambiguidade que Lottermann (2009) define como de “manipulação versus autonomia”, já que está nas mãos desse narrador oferecer informações ou ludibriar o leitor.

No caso do narrador machadiano, conforme observa Sousa (s.d.), ele estabelece um diálogo direto com o leitor, no sentido de que explicita que sabe da existência da pessoa que lê, e esta tem consciência do ato (e das implicações) de escrever do narrador do texto. A partir disso, conforme Pereira (2009) aponta, o narrador machadiano se delicia com os enganos aos quais o leitor é levado por conta de suas artimanhas. Assim, o resultado é de um narrador intruso e não confiável. Por consequência, verifica-se que os conceitos de narrador autodiegético/homodiegético e aqueles relacionados à onisciência e confiabilidade podem ser aplicados no estudo da obra de Machado de Assis, pois se revelam como ferramentas potenciais para verificar como o autor cria efeitos peculiares em sua narrativa através da voz textual do narrador.

Como mencionado anteriormente, o humor e a ironia também estão presentes na obra machadiana e podem se configurar como importantes ferramentas para investigação e realização de uma leitura crítica. O humor é definido pelo *E-Dicionário de Termos Literários* como sendo uma característica de situações que provocam o riso em um texto literário. O que se destaca em sua natureza é a “atitude de simpatia humana”.

No contexto literário atual, pode-se definir o humor, de forma ampla, como a “capacidade de exprimir as excentricidades de determinada ação ou situação que são suscetíveis de provocar o riso”. Em Aristóteles, o humor decorre do erro, da falha da personagem. Não é forçadamente alegre, deve-se destacar, configurando-se como uma arma literária poderosa e amplamente utilizada. Por sua complexidade, está ligado a outros conceitos, como a paródia, a sátira, a caricatura e a ironia.

Esta última é considerada por alguns autores como o inverso do humor, mas, similarmente, também como uma forma de sátira. Assim, identifica-se que os dois conceitos

estão, de fato, extremamente atrelados e podem convergir de forma a criar um efeito literário consonante na narrativa.

O conceito de ironia, conforme destaca Aragão (2013), não é uniforme. De forma geral, entretanto, a definição do ironista (título este que é conferido a Machado de Assis pela crítica) é aquela de alguém que possui um “ar de sinceridade, que enuncia formas que realmente não são plausíveis para seu status ou não estão de acordo com a descrição de mundo expressa em suas falas” (p. 4). A ironia é, portanto, baseada em um desalinho proposital, calcada no ato de passar uma ideia ao se expressar seu oposto. É a partir dessa disparidade que o conceito de ironia será abordado no presente trabalho.

Estando definidos os conceitos principais sobre os quais este projeto metodológico se calca, prossegue-se para a definição dos percursos a serem seguidos para desenvolver a leitura crítica de Machado de Assis em sala de aula, utilizando como ferramentas os conceitos de narrador, humor e ironia.

3. SEQUÊNCIA DIDÁTICA: UMA PROPOSTA PEDAGÓGICA DE LEITURA DOS CONTOS MACHADIANOS

3.1. Apresentação

Esta sequência didática é resultado de uma proposta desenvolvida para contribuir para o ensino/aprendizagem de práticas de leitura nas disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura, tendo como público-alvo alunos do Ensino Médio, especificamente na unidade curricular referente ao Realismo Brasileiro. Constatam nove módulos dentro desta sequência que podem ser realizados em 8 aulas sequenciais.

3.2. Objetivo central

Apresentar uma sequência didática voltada para o ensino de leitura de ficção, a partir de contos de Machado de Assis, como base para a sua compreensão e dos demais textos a serem inseridos durante as aulas, é nossa meta, tendo em vista que o texto faz crítica a problemas da sociedade contemporânea ao escritor. Deste modo, pressupõe-se que discutir o meio em que vivemos e como vivemos, por meio da leitura de ficção, seja uma das formas mais eficientes de despertar a criticidade nos alunos. O leitor crítico é mais capacitado para lidar com diferentes gêneros, desenvolvendo habilidades de leitura, em diferentes formas de interação textual. Portanto, parte-se do princípio que trabalhar a compreensão textual a partir de textos literários seja um modo eficiente para o despertar das competências cognitivas, criativas e críticas do aluno. Paralelamente, será realizado um estudo a respeito dos contos de Machado de Assis e do modo como dialogam com questões históricas e culturais brasileiras, sem perder de vista o tempo presente.

3.3 Objetivos específicos

- Discutir aspectos sociais da sociedade em que vivemos por meio das técnicas de leitura do texto de ficção.
- Despertar a criticidade dos alunos.
- Promover a compreensão de características dos diversos gêneros textuais como uma forma de proporcionar aos alunos a associação e a aproximação entre eles.

- Conhecer as características estéticas da obra literária machadiana, bem como o período realista brasileiro.
- Identificar o humor e a ironia nos textos, ampliando as possibilidades de percepção do sentido implícito.

3.4. Sequência didática

A seguir, são apresentados os módulos da sequência didática desenvolvida para exploração dos contos.

3.4.1. Módulo I – O que é Gênero?

Nesse primeiro módulo, serão apresentados aos alunos diversos gêneros com o objetivo de ampliar o conceito de gênero e a função comunicativa, enfatizando o conto.

Uma ótima alternativa para o professor explorar os diferentes gêneros textuais é dividir a sala em grupos e sugerir que cada grupo fique com um gênero para apreciação, leitura e exposição oral. Feito isso, deve-se solicitar que eles percebam a questão da estrutura textual, da linguagem e da intencionalidade discursiva, ou seja, para que finalidade o texto foi escrito. Na sequência, será aplicada a teoria do conceito de gênero no sentido geral.

Essa teoria se baseia na seguinte premissa: toda vez que produzimos textos orais ou escritos, verbais e não verbais utilizamo-nos dos mais diferentes gêneros. A escolha do gênero depende da situação e da finalidade para o qual o texto é produzido: por exemplo, uma receita de bolo, uma carta a um amigo, um artigo de opinião, um romance. Estes textos apresentam uma estrutura que se repete e têm formas similares. A isso se dá o nome de gêneros textuais.

Segundo Marcuschi (2008), os gêneros textuais se caracterizam por suas funções comunicativas, cognitivas e institucionais, devendo ser contemplados em seus usos e condicionamentos sociopragmáticos. São imprescindíveis a qualquer situação comunicativa, seja ela escrita ou verbal. Por serem textos sociocomunicativos utilizados no dia a dia, considera-se que toda comunicação ocorre por meio de um gênero textual.

A aplicação da abordagem de gêneros textuais nesta sequência didática se baseia na importância apontada por Marcuschi (2005, p. 22), considerando que “a comunicação verbal só é possível por algum gênero textual.”

3.4.2. Módulo II – O que é conto?

Nesse estágio, deve-se apresentar aos alunos o gênero conto e suas características. O conto, gênero textual escolhido para compor este material pedagógico, pertence à ordem do narrar, conforme classificação de Schneuwly e Dolz (1997).

Ele contém muitas características comuns a outras narrativas, como o conto maravilhoso, conto de fadas, fábula, lenda, narrativa de aventura, narrativa de ficção científica, narrativa de enigma, narrativa mítica, anedota, biografia romanceada, romance, romance histórico, novela fantástica, paródia, adivinha, piada, etc.

Cheron (2013) aponta que o conto, normalmente, é breve, condensado; apresenta um, dois ou três episódios, e possui elementos e estrutura próprios de narrativas (ABDALA JUNIOR, 1995; PARRINE, 2009).

A fim de introduzir o tema aos alunos, primeiramente é proposta a realização de contos de diferentes autores. Os contos deverão ser de escolha do professor, mas deverão abranger autores nacionais e estrangeiros, com o propósito de oferecer um panorama do gênero textual em questão e reforçar as características do gênero. Autores clássicos e modernos devem, portanto, ser lidos em sala de aula. Sugestões de autores são as seguintes:

- Edgar Allan Poe;
- Julio Cortaza;
- Anton Tchecov;
- Jorge Luis Borges;
- Rubem Fonseca;
- Carlos Drummond de Andrade;
- Clarice Lispector;
- Guimarães Rosa.

A leitura desses textos deverá ser utilizada como ferramenta para uma discussão sobre aspectos em comum entre eles, a fim de identificar características do gênero. Além disso, o professor deverá, aqui, introduzir o conceito de narrador, para que os alunos possam iniciar o reconhecimento da voz narrativa nas obras, em preparação para o trabalho posterior.

Um conto específico que poderá ser trabalhado é “A terceira margem do rio” de Guimarães Rosa. Este conto é um dos mais famosos da literatura brasileira e poderá ser um ponto de partida para a discussão sobre as características do gênero e da voz narrativa, visto que o narrador do conto é o filho do personagem principal.

3.4.3. Módulo III – Contextualização histórica do gênero conto

Essa parte mostrará um pouco sobre o surgimento do conto no Brasil. O professor deverá propiciar aos alunos as informações importantes a fim de permitir que sejam apresentados ao início da produção desse gênero textual no Brasil e a seu maior representante: Machado de Assis. Para isso, o professor deve apresentar a biografia em textos e o documentário que aborda a história e o Rio de Janeiro na época do escritor, apresentando fotos, imagens e vídeo. Também se salienta a importância de abordar a trajetória desse grande escritor reconhecido internacionalmente e a importância dos estudos acerca da sua obra.

Para tanto indica-se que o professor exponha aos alunos o documentário “O Rio de Machado de Assis”, que é uma produção da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

Os dados relacionados ao documentário em questão são listados a seguir:

Gênero: Documentário

Produção: Norma Bengell

Filme de: Sônia Nercessian e Kika Lopes

Elenco: Paulo José, Fernanda Torres, José de Abreu, Tônico Pereira.

Realização: NB Produções e Globosat

Este é um documentário sobre aspectos da vida e personalidade do escritor brasileiro Machado de Assis, fundador da ABL. O documentário analisa aspectos pessoais de Machado de Assis, seu relacionamento e identificação com a cidade onde nasceu e viveu, os personagens de suas obras e a interação dos mesmos com a personalidade do autor, incluindo comentários de escritores, especialistas e aficionados e exemplificações de personagens como a Capitu, o Conselheiro Aires, Quincas Borba, Brás Cubas, com a participação dos atores Paulo José, Fernanda Torres, José de Abreu e Tônico Pereira.

Ao considerar que Machado é um dos mais expressivos ficcionistas da nossa literatura realista brasileira na prosa, pode-se afirmar que é extremamente complexo o trabalho com sua obra, mas também é totalmente fascinante trazer os temas abordados pelo autor para a realidade cotidiana do aluno, já esses temas são recorrentes na atualidade. Essa característica evidencia o autor, Machado, como um dos maiores contistas nacionais, pois há um olhar perspicaz sobre os conflitos interiores dos seres humanos, premiando-nos com o que há de melhor na literatura brasileira.

Seus textos nos deixam estarecidos diante dos problemas sociais expostos e da maneira como são tratados com sutileza, simplicidade e, é claro, com ironia, como se ele estivesse falando diretamente com o leitor e mostrando toda a fragilidade humana e sua submissão diante da vida ou de seus destinos. São comportamentos humanos que, diante dos temas abordados nas obras machadianas, deixam as personagens paralisadas diante das questões sociais, vivenciadas sem nenhuma alternativa de mudança conforme as próprias características realistas confirmam.

Além disso, nesse estágio deve ser apresentada uma breve biografia do autor, para que os alunos possam ter informações extras sobre o contexto histórico e pessoal que cerca Machado de Assis.

Joaquim Maria Machado de Assis nasceu no Rio de Janeiro em 21 de junho de 1839 e morreu na mesma cidade em 29 de setembro de 1908. Descendente de um negro e uma portuguesa, cresceu numa casa simples no morro do Livramento, na então capital do país, em pleno período escravocrata. Autodidata, se tornou fluente em alemão, francês e inglês só para poder ler os escritores clássicos que mais admirava. Antes dos 15 anos, escreveu num jornal seu primeiro trabalho literário, o soneto *À Ilma. Sra. D.P.J.A.* Aos 16, foi contratado pela Imprensa Nacional como tipógrafo e aos 19 já colaborava com várias publicações. Além de jornalista, foi tradutor, crítico, contista, cronista, poeta, dramaturgo e romancista. Machado se casou em 1870 com a portuguesa Carolina Augusta Xavier de Novaes, seu grande amor e companheira até o fim da vida. Depois de casado, morou na rua do Cosme Velho, no tradicional bairro de mesmo nome. Por causa desse endereço, ganhou o apelido de Bruxo do Cosme Velho, uma homenagem de Carlos Drummond de Andrade no poema *A Um Bruxo, com Amor*. Em 1873, iniciou a carreira de burocrata e funcionário público, o que garantiu seu sustento até a morte. Sua obra literária abrange quase todos os gêneros: seu primeiro livro publicado foi uma coletânea de poesias românticas. Em 1887, junto aos maiores nomes da literatura de então, como Rui Barbosa, Olavo Bilac e Joaquim Nabuco, fundou a Academia Brasileira de Letras -- tornando-se depois seu presidente perpétuo. Era igualmente admirado pela corte e pelo povo. Quando morreu, uma multidão acompanhou seu velório. Por semanas, os cariocas lotaram a rua do Cosme Velho, prestando reverências e homenagens a ele e a seu trabalho. Para o crítico inglês Harold Bloom, um dos mais respeitados do mundo, Machado é o maior escritor em língua portuguesa de todos os tempos e um dos grandes autores que a humanidade já produziu.

Com mais conhecimento acerca do autor, os alunos poderão ser divididos em grupos para pesquisar na biblioteca ou no laboratório de informática curiosidades sobre o autor e sua literatura. Assim, poderão diferenciar conto de romance, poesia, entre outros, reconhecendo as

diversas tipologias da produção literária machadiana e revisando o conceito de leitura de ficção e a sua vasta obra de modo geral.

3.4.4. Módulo IV - Apresentação dos contos de Machado de Assis

Para a realização dessa atividade, sugere-se preparar o ambiente para a recepção do texto de maneira prazerosa, com cenário e música de fundo. Feito isso, sugere-se realizar a leitura integral, conjunta e em voz alta de todo o texto. Na segunda leitura seriam feitas pausas para as intervenções e levantamento de questões sobre a obra. (sobre as vozes textuais, personagens, elementos da narrativa de modo geral). Outro recurso é o audiolivro, disponível no domínio público, acessível por meio do site Youtube.

Este trabalho utiliza 4 contos de Machado de Assis. Com relação a eles, é importante ressaltar aos alunos que, além das características comuns de seus contos em relação a temática, como os elementos e a estrutura da narrativa, haverá preocupação, principalmente, com a leitura dos textos. Sintetizando, cabe enfatizar que é importante apresentar aos alunos o conceito do gênero textual escolhido, suas características, tipos de narradores, humor e ironia e temas abordados. Assim, poderá ser potencializada a leitura do texto literário em sala de aula de forma crítica, sendo esse o objetivo principal a ser alcançado no final de todo o processo.

O Quadro 1 a seguir ilustra os contos a serem trabalhados e os conteúdos a serem explorados:

Quadro 1 – Contos e conteúdos

Contos	Conteúdos
<i>Um homem célebre</i> <i>Cantiga de esponsais</i> <i>O Machete</i> <i>O Enfermeiro</i>	Texto literário Gênero textual – conto Tipos de narrador Humor e ironia Realismo

Fonte: elaborado pela autora.

3.4.5. Módulo V – Tipos de narrador e seu impacto na narrativa

Neste momento, o professor deverá trazer conceitos básicos que exponham os tipos de narrador existentes. Esse módulo será uma reflexão breve sobre questões narrativas, a fim de acclimatizar os alunos quanto a diferentes efeitos que variados tipos de narrador podem ter sobre o que está sendo contado. Em seguida, deverá haver uma discussão sobre os seguintes tópicos:

- Identificar nos contos se ocorreu a presença do narrador personagem, narrador testemunha ou narrador de 3ª pessoa;
- Em que pessoa o conto foi narrado? Como é possível saber isso?
- Em quais passagens do texto o narrador dialoga com o leitor?
- Qual é o efeito desse diálogo?
- Refletir sobre características da escrita do autor.

3.4.6. Módulo VI – Reflexões sobre o texto: Contexto social e fatores psicológicos

Neste momento, pode-se convidar os alunos a observar sobre como o texto pode ser pensado na atualidade, sua pertinência com a realidade, quais os interesses que a obra desperta, quais características fazem com que ele ainda seja estudado, apreciado ou valorizado.

Ainda propõe-se estimular uma reflexão sobre as questões de loucura, decepção, adultério, descontentamento com a própria realidade, identidade nacional, Arte, cultura erudita e de massas.

Questões a serem exploradas são:

- O que passou pela mente dos personagens? Ligar personagens a fatores psicológicos;
- Entender sobre tempo psicológico e cronológico, características físicas e mentais das personagens e tipos de narradores;
- Qual o tempo em que a narrativa se desenvolve? Exemplifique com trechos do conto.
- Levantar questões sobre o desfecho da história, o motivo do conto ter como título “Um homem Célebre” e a relação desse título com o contexto histórico da época;
- Refletir sobre características da escrita do autor;
- Perceber sobre os aspectos da ironia e humor presentes sobre o tema do conto;
- Promover debates acerca da problemática social de que trata o texto;

- Refletir: qual a situação delicada em que o personagem principal do conto se encontra?

Finalmente, propõe-se solicitar que os alunos pesquisem o gênero *charge* e apresentem textos no intuito de realizar a contextualização das questões apontadas, associando-as a elementos dentro dos contos de Machado, instigando e permitindo aos alunos que insiram suas inferências acerca deste gênero.

3.4.7. Módulo VII – Características da obra de Machado de Assis – Humor e ironia

Neste módulo, objetiva-se conhecer as características estéticas da obra literária machadiana, bem como o período realista brasileiro através do recurso da elaboração de um mapa mental. As atividades iniciais têm como propósito:

- Identificar o humor e a ironia nos textos, ampliando as possibilidades de percepção do sentido implícito;
- Identificar as características estéticas da produção literária de Machado de Assis

Num segundo momento deste plano, após a leitura dos textos, seria feita uma espécie de contextualização sincrônica em que aspectos da própria obra seriam abordados, tais como em que período ela foi elaborada e publicada, as características e o estilo literário do texto, bem como quais os recursos utilizados pelo autor na composição textual. Em seguida, refletiríamos sobre a obra de que maneira ela se insere na história, na cultura, nas artes e na literatura do nosso país, o que caracteriza uma contextualização. Essas contextualizações iniciais do texto agiriam para corroborar e o direcionamento da leitura dos alunos e permitir uma reflexão crítica mais aprofundada.

3.4.8. Módulo VIII – O fazer artístico e literário: contexto cultural

Nesse momento, deve-se realizar a retomada dos textos para uma nova leitura dos contos. Aqui, deverão ser relacionados “O Homem Célebre”, “Cantiga de Esponsais” e “O Machete” entre si, identificando os elementos da narrativa (narrador, personagem, tempo, espaço, enredo).

Nos contos relacionados, pode-se identificar os posicionamentos de Machado de Assis relativos à arte nacional, que evidenciam sua reflexão sobre o processo de criação artística, a

qual expressa um dos mais comuns desejos inerentes ao ser humano, embora impossível: a realização de obras perfeitas.

Nesse momento, o professor poderá promover uma discussão sobre o fazer artístico e literário do escritor sobre a representação crítica de manifestações musicais relacionadas ao contexto brasileiro do século XIX, fato que decorre de seu envolvimento e engajamento na vida cultural desse período.

Nos textos selecionados para esta sequência didática há uma perceptível ironia sobre as classes sociais e o status social. A maneira de explorar a música de diferentes formas nos remete a uma questão: de que modo percebemos as diferenças de classes e status da nossa sociedade civil?

Assim, o professor deverá estimular uma reflexão que conduza à resposta dos seguintes questionamentos:

- Como são demonstradas as diferenças entre o fazer popular e o erudito nos contos?
- Quais são as características psicológicas de cada personagem e como elas se relacionam a classe social e status cultural?
- Há predileção por algum tipo de fazer artístico (popular *versus* erudito) nos contos?
- Essa diferenciação ainda existe nos dias atuais? Como?
- Debater sobre a questão do mercado da música na sociedade Brasileira no final do Século 19.
- Como são apresentados os três personagens músicos nos contos? Há diferença na forma em que sua arte e seus desejos são mostrados ao leitor?

Dessa forma, os alunos poderão pensar criticamente sobre aspectos explorados nos textos e ainda muito frequentes na realidade atual, ligando aspectos históricos relacionados à produção dos contos como forma de pensar a atualidade da ficção machadiana.

3.4.9. Módulo IX – Literatura e dramaturgia

Aqui os alunos deverão se envolver em práticas de leitura literária, tendo como objetivo a apreciação do conto “O enfermeiro”. Por meio dessa etapa, eles deverão perceber os sentidos criados pelo vídeo que retrata a narrativa, contextualizando com outros gêneros que possibilitem o desenvolvimento do senso estético para fruição, valorizando a literatura e outras

manifestações artístico-culturais como formas de acesso às dimensões lúdicas, de imaginário e encantamento, reconhecendo o potencial transformador e humanizador da experiência com a literatura, através da dramaturgia. Os filmes ajudam a contextualizar detalhes da história e aumentar o interesse dos alunos, fazendo uma ponte produtiva entre as duas formas artísticas.

A turma deverá participar de uma roda de leitura para apreciar e analisar o conto em questão e posteriormente assistir ao filme *O enfermeiro* (1999, 43 min), observando como o conto de Machado de Assis foi reelaborado na linguagem cinematográfica. Após a exibição do curta-metragem, devem ser inseridas oralmente algumas questões no intuito de observar como foi a reflexão a respeito do filme e criar um debate sobre ele. Questões a serem abordadas são:

- Quais os conflitos apresentados na trama?
- Há questões sociais sendo exploradas?
- Quais são as características psicológicas dos personagens, como elas se articulam com questões sociais?

A sugestão é que o professor selecione um trecho do filme que achar significativo para sua aula e para melhor compreensão da obra a ser lida em classe.

Finalmente, o professor deverá motivar os alunos a produzir um texto teatral, baseado no conto “O enfermeiro”. Esse trabalho deverá ser feito em grupos e posteriormente dramatizado em sala de aula. Cada grupo deverá ser responsável por uma parte da narrativa, selecionada pelo próprio professor de acordo com o tamanho de suas turmas e de acordo com os recursos disponíveis.

Espera-se que, por meio dessa atividade lúdica, os alunos possam se aproximar ainda mais do texto literário ao trabalharem proximamente com os diversos aspectos nele envolvidos, como cenários, emoções e vivências de cada personagem.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta feita neste trabalho pretende contribuir para que as práticas docentes no ensino de Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Médio promovam, no âmbito do ensino de leitura, maior criticidade dos alunos, tomando como base os contos de Machado de Assis. Para que tal proposta seja cumprida, foram revisados diversos aspectos relacionados à obra machadiana, tais como contexto social e característica estilísticas, a fim de oferecer o arcabouço teórico necessário ao professor.

Em seguida, foi apresentada uma sequência didática, composta por nove módulos, que contém orientações sobre o que deve ser abordado em sala de aula a fim de permitir a abordagem dos textos machadianos de forma prazerosa. Vale salientar que, para o tratamento direcionado do gênero conto, foi indicado que sejam feitas abordagens sobre o que é gênero literário e os vários gêneros existentes, bem como a contextualização histórica de Machado de Assis e sua obra, revelando as suas principais características.

Dessa forma, este trabalho procurou desenvolver um plano pedagógico que demonstre que o trabalho com gêneros textuais pode ser um importante veículo para a construção de conhecimentos linguístico-discursivos diversos, os quais só são possíveis por intermédio da mediação pedagógica do professor frente à sua sala de aula. Para isso, partiu-se da ideia de que o gênero conto contribui em grande escala para a construção desses conhecimentos, pois, segundo Cunha, Amandio e Saraiva (2010), contos possuem uma estrutura curta e, por esse motivo, tornam-se de mais fácil compreensão. Além disso, o professor pode se utilizar desse gênero textual para realizar leituras comentadas e compartilhadas em sala de aula, aliadas à proposição de reflexões e de atividades em grupo.

Conforme destacam França e Paula (2017) sobre Machado de Assis, a escrita desse autor tem características e traços únicos da época do Realismo no Brasil, trazendo à tona e fazendo críticas a aspectos sociais. Com base nisso, as obras machadianas podem e devem ser utilizadas no ensino dos textos literários para incentivar a leitura e instigar a curiosidade do estudante, em virtude das temáticas abordadas nas obras de Machado.

Assim, aborda-se o gênero conto, cuja brevidade facilita a leitura dos estudantes, para levá-los a estudar a língua na sua realização natural e dinâmica, sendo, assim, mais atrativa e presente nos contextos de ensino e aprendizagem no Brasil.

Vale ressaltar, ainda, que o educador necessita planejar, com estudos e a organização didática, as aulas a serem ministradas. Isso inclui reler o livro antes de indicá-lo, mesmo se já

o fez outras vezes durante a vida, conhecer como era a história do país na época em que foi escrito e descobrir aspectos da biografia do autor que possam gerar discussão em sala de aula. Portanto, este trabalho apresentou o arcabouço teórico necessário para que o educador compreenda diversos aspectos relacionados ao trabalho a ser desenvolvido e se familiarize com os diversos tópicos envolvidos, oferecendo uma base sólida para a execução de tarefas e discussões com os alunos, a fim de instigar neles a criticidade por meio de uma pequena amostragem de contos de Machado de Assis.

REFERÊNCIAS

- ABDALA JUNIOR, Benjamin. **Introdução à análise da narrativa**. São Paulo: Editora Scipione, 1995.
- ARAGÃO, H.O.F. Ironia e Literatura: Interseções. **Anais do SILEL**. Volume 3, número 1, 2013. Disponível em: <http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_1467.pdf> Acesso em: 21 Out. 2021.
- AURIEMO, C.F. Machado de Assis na sala de aula. **Alb**, s.d. Disponível em: <https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais17/txtcompletos/sem15/COLE_2516.pdf> Acesso em: 21 Out. 2021.
- AVELAR, I. Entre o violoncelo e o cavaquinho: música e sujeito popular em Machado de Assis. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 37, 2011.
- BENGELL, Norma. O Rio de Machado de Assis. **Youtube**, 2001. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HTThsHiOD9Bs>> Acesso em: 21 Out. 2021.
- CANDIDO, Antonio. Esquema Machado de Assis. in: **Vários Escritos**. 3ª ed. rev. e ampl. - São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- CHERON, M. M. Material Didático-Pedagógico com os Contos de Machado de Assis: “A Carteira” E “Um Apólogo”. **Governo do Paraná**, 2013. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_uel_port_pdp_marcia_myszynski_cheron.pdf> Acesso em 21 Out. 2021.
- DOLZ, Joaquim; SCHNEUWLY, Bernand. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. 278 p. (Tradução e organização: Roxane Rojo; Gláís Sales Cordeiro). **E-DICIONÁRIO DE TERMOS LITERÁRIOS. Narrador**. Disponível em: <<https://edtl.fcsh.unl.pt/encyclopedia/narrador/>> Acesso em: 21 Out. 2021.
- Freitas, D. J. T. A composição do estilo do contista Machado de Assis. Tese de Doutorado. **UFSC**, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/90720>> Acesso em 21 Out. 2021.
- GLEDSON, J. **Machado de Assis – Contos: Uma Antologia**. Companhia das Letras, v.1, 2ª. Edição, 1998.
- LOTTERMANN, S. S. A presença do narrador no texto literário. **Signus**, ano 30, n. 1, p. 21-32, 2009. Disponível em: <<https://www.yumpu.com/pt/document/read/13004040/a-presenca-do-narrador-no-texto-literario-univates>> Acesso em: 21 Out. 2021.
- MARCUSCHI, L. A. (2008). **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo, SP: Parábola Editorial.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Org.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

NASCIMENTO, J. C. **A produção dos contos de Machado de Assis**. Tese de Doutorado. Universidade Federal Fluminense, 2015.

NOVA ESCOLA. Machado de Assis: Um clássico para todos. **Nova Escola**, 2008. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/2610/machado-de-assis-um-classico-para-todos>> Acesso em 21 Out. 2021.

PARRINE, Raquel. Aspectos de teoria do conto em Machado de Assis. **Revista Eutomia (Revista Online de Literatura e Linguística)**. Ano II, nº 01, ISSN 1982-6850, jul. 2009, p. 472-484. Disponível em: <http://www.revistaeutomia.com.br/volumes/Ano2-Volume1/literaturaartigos/Aspectos-de-Teoria-do-Conto-em-Machado-de-Assis_Raquel-Parrini.pdf>. Acesso em: 21 out. 2021.

PEREIRA, C.M. Em busca do “narrador machadiano”: a experiência dos primeiros contos. **Darandina**, 2009. Disponível em: <<https://www.ufjf.br/darandina/files/2010/02/artigo08a.pdf>> Acesso em: 21 Out. 2021.

PESSANHA, K. S. P. Machado de Assis e João: do ri(s) o à ironia – o conto submerso em sala de aula. **Anagrama**, v. 4, n.3, 2011. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/anagrama/article/view/35517>> Acesso em: 21 Out. 2021.

PRADA. T. De Minuetes, Maxixes, Macedo e Machado: Notas sobre música na literatura brasileira do século XIX. **Polifonia**, v. 20, n. 28, p. 149-171, 2013.

OLIVEIRA, A. Audiolivro Machado de Assis: Cantiga de Esponsais. **Youtube**, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g88VUI8SSkE&ab_channel=AlexOliveiraLocutor> Acesso em: 21 Out. 2021.

SCHWARZ, R. A viravolta machadiana. In: **Martinha versus Lucrecia**: Ensaios e entrevistas. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SOUSA, R. C. **Autor, narrador e discurso no século XIX: Machado de Assis**. Disponível em: <http://ciencialit.letras.ufrj.br/garrafa12/robertadacosta_autor.html> Acesso em: 21 Out. 2021.

VERÍSSIMO, José. **História da literatura brasileira**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1916.

WISNIK, J. M. Machado Maxixe: o caso Pestana. **Teresa**, p. 13-79, 2003.